

A economia continua em crescimento

* 6 DEZ 1993

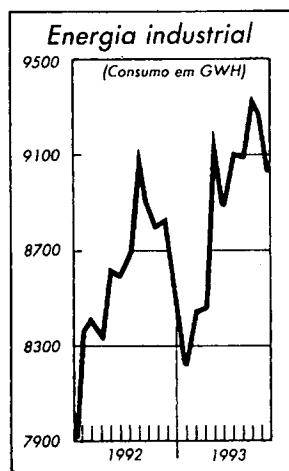
GAZETA MERCANTIL

por Claudia de Souza
de São Paulo

Os empresários deixaram de lado a crise política, ocupados em fechar um ano com negócios aquecidos e resultados que muitas companhias, grandes e pequenas, compararam aos de 1989 — o melhor dos últimos tempos — em termos de rentabilidade.

"Todo mundo decidiu trabalhar e esquecer o governo. Eles em Brasília que resolvam os seus problemas", diz, por exemplo, o principal executivo das Lojas Americanas, primeira no "ranking" das cadeias de lojas de departamento, José Paulo Ferraz do Amaral.

Ao contrário do ano passado, quando a Comissão Parlamentar de Inquérito que levou ao "impeachment" do presidente Fernando Collor paralisou por vários meses os negócios, neste ano a economia está chegando ao Natal com o comércio negociando compras com a indústria em volumes superiores aos de dezembro passado e os empresários planejando para os primeiros três meses de



1994 uma utilização da capacidade instalada superior à que ocuparam no mesmo período deste ano.

Há indícios de que, depois de diminuírem entre abril e julho, os negócios retomaram seu ritmo, em especial no final do segundo semestre. Os dados sobre a performance do Indicador do Nível de Atividade (INA) da indústria paulista no mês de novembro ainda são muito fluidos, mas o diretor do departamento de economia da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP), Mário Bernardini, arrisca-se a estimar uma "pequena oscilação positiva", mas não generalizada. Pelos depoimentos que tem ouvido junto a outros empresários, ele conclui que a recuperação de vendas e de margens mais acentuadas deverá concentrar-se no segmento de bens duráveis, com outros segmentos, como o de máquinas e ferramentas, experimentando expansão bem menor dos negócios.

O consumo de energia industrial em todo o País foi maior em outubro em 2,4% se comparado a outubro do ano passado; os dados acumulados de janeiro a outubro mostram um crescimento de 3,5% no consumo como um todo. Na região da Eletropaulo, relata o editor Mauro Arbex, o consumo desse período é o maior dos últimos quatro anos (ver gráfico e matéria na página 6).

Também cresceu o consumo de bens básicos de alimentação nos últimos dois

meses, uma indicação de que, segundo lembra a editora sênior Vera Brandimarte, a economia informal contribuiu com seu dinamismo já que a retomada dos negócios não foi acompanhada por um aumento equivalente dos empregos no setor formal da economia (ver matéria na página 6).

Os juros, cuja queda ao longo do ano passado impulsionou a retomada da economia a partir de outubro, mudaram de direção entre junho e julho, a taxa efetiva real de CDI subindo de 0,58 para 1,87%, continuando para 2,49% em agosto. Em setembro, a taxa de juro praticada entre os bancos continuou alta mas caiu em outubro, apontando para condições mais favoráveis para a formação de estoques e compra de ativos.

(Continua na página 5)

O mercado financeiro voltou a ignorar a crise política, na sexta-feira. Os juros prefixados recuaram e as ações subiram com a expectativa do anúncio, nesta terça-feira, do plano econômico do governo. A Bolsa de Valores de São Paulo (Bovespa) subiu 6,27% e negociou US\$ 244,53 milhões, dos quais 53,7% com opções. Na Bolsa do Rio, a alta foi de 7,42%.

(Ver páginas 21 a 24)

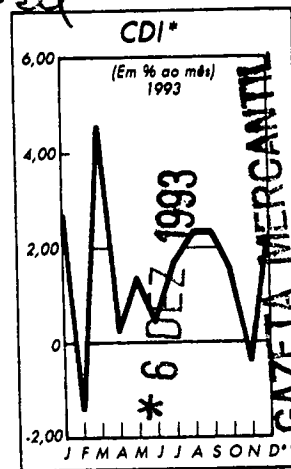
A economia continua em ...

por Claudia de Souza
de São Paulo

(Continuação da 1ª página)
"Voltamos ao nível de ocupação do nosso pessoal de 1989 e aos US\$ 15 milhões de faturamento daquele ano", diz Sérgio Luiz Bergamini, proprietário da Indústria de Papéis Independência S.A., que opera no segmento de embalagens, termômetro tradicional do clima dos negócios.

Há exemplos também de melhores vendas de insumos básicos, no início da cadeia de produção, como é o caso do alumínio, cujo fornecimento para a indústria de transformação (para fabricação de embalagens e itens para a construção civil) aumentou 69,2% em outubro, se comparado a outubro do ano passado, e do minério de ferro (que segue para a indústria siderúrgica que fornece à de automóveis, construção civil e naval), cujas vendas vêm crescendo desde agosto e que tiveram elevação de 7% em outubro comparado a outubro do ano passado.

A movimentação de caminhões nas estradas brasileiras e o comportamento do mercado imobiliário residencial também apontam na direção do crescimento, ainda que no segmento de imóveis comerciais e industriais os negócios continuem lentos e com altas taxas de vacância (ver matéria na página ao lado), refletindo o fato de que a atual retomada da economia se fez com ganhos de produtividade das empresas via enxugamento de despesas e



com pouco aumento do emprego.

O comércio está trabalhando com previsões de aumento dos negócios neste final do ano (ver matéria ao lado). Em São Paulo, a Associação Comercial de São Paulo (ACSP) fala em 3% de aumento em dezembro deste ano, comparado ao mesmo mês no ano passado, no volume de vendas. Em faturamento real, a Federação do Comércio do Estado de São Paulo estima entre 12 e 13% de crescimento. "O aumento em volume é pequeno porque o comércio recuperou margem neste ano", diz Abram Abe Szajman, presidente da entidade.

Os empresários, porém, são cautelosos. "Com níveis de utilização da capacidade em torno dos 50%, que é a

média do setor de bens de capital como um todo, esta recuperação dos negócios é um desastre", diz Bernardini, diretor da FIESP, que é proprietário da MGM Mecânica Geral. Sua empresa trabalhou neste ano com 50% aproximadamente da capacidade instalada e, a exemplo de outras, estava com 45% em 1992 e programa para os primeiros três meses do ano algo entre 55 e 60%.

"O País não está investindo", diz. "O aumento dos negócios será limitado pelas restrições à demanda, como a maior carga de impostos para as pessoas físicas", diz Bergamini, da indústria de papel.

"O aumento das vendas neste final de ano é apenas sazonal. Não há fôlego para uma retomada sustentada numa economia de inflação de 35%. A não ser que haja queda dos juros, este é apenas mais um ciclo limitado", diz o assessor Marcel Solimeo, da ACSP, ecoando a impressão de economistas dentro e fora do governo. "A base de comparação é muito baixa", resume, por exemplo, o executivo das Lojas Americanas, Rio.

Os negócios poderão ser ainda melhores neste final de ano para o comércio nos segmentos em que se confirmar algum desabastecimento de produtos. Mas os empresários referem-se a produtos específicos, com performance especialmente boa, como os televisores, a boneca Barbie Sereia da Estrela, ou as caixas de bombons marca Garoto.